

---

## O debate teórico sobre a politonalidade e a noção de dissonância escalar

José Oliveira Martins

CITAR, EA/UCP

Desde o início do século vinte, o debate teórico-musical em torno da politonalidade tem revelado um conceito ilusório e por vezes intensamente contestado. Este debate, que reemergiu nos últimos anos, levou à recepção em termos históricos, analíticos, e perceptuais de um conceito paradoxal, que foi atribuído tanto à consolidação como destruição da tonalidade, à expressão do conservadorismo musical como do modernismo, e a um acto de mera imaginação do ouvinte como de fenómenos musicais perceptíveis.

A presente comunicação revisita a actividade de teorização sobre politonalidade no início do século de Koechlin, Milhaud, Casella, Bartók e outros, a qual foi posteriormente rejeitada ou apropriada pelas abordagens pós-Schenkerianas e teoria de conjuntos desenvolvidas na segunda parte do século. Os aspectos do debate são examinados ao longo de duas tensões teóricas: (1) formulações construtivas versus interpretativas sobre as implicações ontológicas do termo e (2) abordagens estritas ou amplas sobre a natureza das camadas sobrepostas. Argumenta-se que as primeiras noções de politonalidade se baseiam em pontos de vista inclusivos, explorando vários arranjos de composição e estratégias de escuta, enquanto que os detractores da politonalidade - a posição dominante ao longo do século - desvalorizaram e descartaram aspectos construtivos e inclusivos e adoptando visões principalmente exclusivas e interpretativas dado o potencial da politonalidade para desafiar as noções de unidade tonal e a coerência da “obra”.

A comunicação propõe também a formulação analítica original de “dissonância escalar” (a qual mede o “desencontro” ou fricção entre as camadas escalares), que é exemplificada em “politonalidade contrapontística” de Milhaud, Bartók e Casella, e depois reformulada para interpretar também a prática harmónica (de Lutoslawski). Com esta proposta analítica, argumenta-se portanto que os princípios politonais se aplicam a uma prática composicional mais ampla do que é tradicionalmente atribuída.

José Oliveira Martins (Ph.D. University of Chicago, História e Teoria da Música) é actualmente Investigador FCT (CITAR, Universidade Católica Portuguesa), tendo sido docente (tenure-track) da Eastman School of Music da University of Rochester e da University of Iowa. A sua investigação explora a conceptualização de sistemas musicais na música de Bartók, Stravinsky, Milhaud, Falla, Lutoslawski, e Kurtág, tratando de questões como a organização conceptual de espaço harmónico, descontinuidade, sintaxe musical e relações entre forma e significado. As suas publicações aparecem em *Journal of Music Theory*, *Perspectives of New Music*, *Theory and Practice*, *Mathematics and Computation in Music*, e *Revista Portuguesa de Musicologia*, entre outros. Actualmente escreve dois livros: um sobre a modelização analítica da organização por multi-camadas na música do século vinte e outro sobre a música de Carlos Paredes.